



XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte

ELISEU VISCONTI: OS CAMINHOS DE UMA VISUALIDADE NOVA

Mirian Nogueira Seraphim

IFMT/ UNICAMP (DOUTORANDA)

Desde 1893, o primeiro ano de seu estágio na Europa, Visconti participava com sucesso de mostras internacionais, sendo a primeira delas em Chicago, depois Paris, Saint Louis, Santiago do Chile, etc., sempre recebendo medalhas, e tendo uma de suas pinturas adquirida. Suas obras circularam também, reproduzidas em periódicos estrangeiros como os catálogos dos Salon parisienses; *Le nu au Salon*; *Revue du Brésil*; *The Studio*; *L'Illustration*; e na coleção *Louisiana and the fair*. Fazia-se conhecer assim, ainda que modestamente, não só no contexto latino-americano, mas também na Europa. Esse sucesso, observado principalmente no início de sua carreira, foi grandemente devido a certa “filiação” de Visconti a movimentos artísticos europeus da passagem do século XIX para o XX. Foram, inclusive, notadas em suas obras ressonâncias das teorias de John Ruskin, Jean Delville e Hippolyte Taine. Alguns comentaristas chegaram a sugerir que esta seria sua adoção definitiva.

No entanto, Visconti não parou aí. Inúmeros foram os críticos que apontaram, não só influências, como também analogias e convergências, entre Visconti e os mais variados artistas estrangeiros: Botticelli; El Greco; Velásquez; Rembrandt; Puvis de Chavannes; Rossetti; Burn Jones; Millet; Whistler; Grasset; Mucha; Segantini; Manet; Monet; Renoir; Degas; Pissarro; Seurat; Signac; Henri Martin;



XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte

Redon; Klimt; Chagall. Em algumas obras específicas, sua palheta foi comparada até mesmo à de Delacroix, Van Gogh ou Picasso.

Porém, as opiniões de vários desses críticos são diversas e por vezes contraditórias. Comparando-se os comentários dos principais autores – tais como Fléxa Ribeiro, em 1935; Carlos da Silva Araújo, em 1945; Mário Pedrosa, em 1950; Carlos Cavalcanti, em 1967; Hugo Auler, no mesmo ano – e confrontando-os à análise de algumas pinturas de Visconti, é possível constatar o grau de originalidade deste mestre. Ao se apropriar de certos modelos de produção e significação, experimentando-os livremente em diversos momentos de sua carreira e combinando-os a uma linguagem muito particular, de forma a conseguir com eles os efeitos desejados à expressão de sua personalidade e visão de mundo, Visconti os transformou em uma coisa nova. Ele produziu soluções formais peculiares, cujo emprego em sua produção alternava constantemente, de acordo com seu objetivo específico, o que levou a confundir diversos de seus comentadores, que pretenderam, em vão, determinar uma evolução linear em sua carreira.

Eliseu Visconti, Pintura brasileira, Influências e re-significações